

MARINA COLASANTI

VOZES DE BATALHA

A cantora lírica e
o magnata: a história
de amor que mudou
a paisagem do Rio



TUSQUETS
EDITORES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

MARINA
COLASANTI
VOZES DE
BATALHA

TUSQUETS
EDITORES

TUSQUETS

TIPO E TEXTO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Marina Colasanti, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Todos os direitos reservados.

Preparação: Marina Castro
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Laura Folgueira
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Abreu's System
Capa: Adaptada do projeto gráfico original de Compañía
Ilustração de capa: Santiago Régis
Imagens de capa: Parque Lage: Raphael/ Adobe Stock | Demais imagens:
domínio público

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Colasanti, Marina, 1937- Vozes de batalha / Marina Colasanti. – São Paulo: Planeta, 2021. 304 p. ISBN: 978-65-5535-484-3 1. Colasanti, Marina, 1937- Memórias I. Título 21-3385	CDD 920.72
---	------------

Índice para catálogo sistemático:

1. Colasanti, Marina, 1937- Memórias



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Uma voz de batalha

“Quantas vezes cantou a Carmen?”, pergunta o locutor a Gabriella numa entrevista radiofônica gravada na Itália. “Mais de mil”, responde ela com um sorriso na voz.

Na certa, havia deixado de contar a partir de certo ponto ou nunca havia contado. Sabia que os números não tinham importância, importante era a realidade. Carmen havia-se tornado progressivamente seu outro eu, e nunca mais as duas seriam dissociadas.

Em entrevista dada ao *La Nación* em 1928, em viagem a Buenos Aires, contou como via e como interpretava sua maior personagem:

Não creio que Carmen fosse má. Ao contrário. Me parece que devemos reagir contra a opinião vulgar que a apresenta como uma vampira. Eu reagi e creio que a isso se deve, em grande parte, o êxito que teve minha interpretação na Espanha. [...] Carmen, a moça do povo que chega a rainha do luxo, a *habanera*, a maquiavélica, a que se dá e até se vende, não é, a meu ver, a “Carmen” de Mérimée. [...] É, simplesmente a moça de vida miserável a quem o destino de sua beleza radiante colocou na ladeira do fasto e do amor, demasiado grandes para a sua pobreza, pequenos para seu poder de sedução. Deslumbrou-se diante do mundo e do luxo,

como os homens se deslumbraram diante do brilho fosforescente dos seus olhos, sem ter mais culpa do que eles. Foi, como costumam ser as mulheres demasiado bonitas, um joguete inconsciente do destino. Mas não era má. [...] Era impulsiva, era sensível e, no fundo, era uma boa moça do povo, coberta por uma pele demasiado macia para dispensar roupas de seda. E, sobretudo, era apaixonada. E a paixão, como o fogo, purifica tudo o que toca.

Gabriella Besanzoni nasce em Roma no dia 20 de setembro em algum momento entre 1888 e 1892. Mentia a idade com determinação e absoluta falta de método, o que, bem de acordo com seu temperamento, embaralha as cartas da realidade. E porque desejo respeitar sua vontade, neste livro Gabriella nasce quando bem entende.

É filha do segundo casamento da mãe, Angelina Spadoni, com Francesco Besanzoni, e tem dois irmãos, Ernesto e Adriana. Do casamento anterior da mãe recebe vários irmãos Colasanti, dos quais os mais chegados a ela serão Arduino e Cesare.

Há de ter sido uma mulher obstinada, esta minha bisavó. Baixinha, gordinha, de pouca beleza. Já tendo filhos crescidos, deixou o primeiro marido, trocando-o pelo boníssimo Francesco Besanzoni, com quem fez mais três crianças. Sempre apoiou a carreira de Gabriella, que a considerava sua melhor conselheira e a adorava. Sua simpatia, entretanto, é questionável. Nas várias fotos que tenho dela, algumas feitas durante uma visita a Pompeia com Gabriella e Henrique, não dá um único sorriso, e pelo menos um de seus netos, meu tio Veniero, não gostava dela e dizia que os almoços de domingo na casa da avó eram uma tortura.

Na casa dos Besanzoni, dinheiro não falta, mas certamente não sobra. O pai é de profissão antiquário, mas fez maus negócios, e as bocas são muitas. A família mora no centro da Roma histórica, na Via del Tritone, depois se muda para as cercanias dos Jardins Vaticanos. Gabriella estuda em colégio de freiras, canta eventualmente na capela.

Os estudos regulares de canto podem ter começado por volta dos seus quinze ou dezessete anos, dependendo da ocasião em que ela contava sua própria história. É levada pelo pai à casa de um barítono amigo, homem mais velho, aposentado, que faz a primeira avaliação da sua voz e aceita dar-lhe aulas. Paralelamente, a esposa deste ensina-lhe piano.

O arranjo seria excelente e duradouro, não fosse o velho barítono apaixonar-se pela aluna e entremear poemas de amor nas partituras. Dos poemas passa às palavras, ela conta tudo aos pais e as aulas são suspensas.

O pai pensa então no maestro Alessandro Maggi, e Gabriella chega a ter uma audição com ele. Mas a economia da família não permite pagar o preço de sessenta liras por hora de aula, e decidem recorrer ao Conservatório. Ali ela estuda com a professora Tangiorgi Curtica, que trabalha sua voz como soprano ligeiro. O resultado não se faz esperar, ao cabo de poucos meses a voz desaparece.

Desta vez, o pai não hesita. O maestro Maggi é o novo professor.

Com o estudo, a voz plenamente recuperada de Gabriella se expande, cresce, conquista novos patamares. Mais de uma vez, e sempre com a mesma expressão de alegria e conquista, ela me contou do seu percurso através dos timbres, de como, graças a dedicação e muito estudo, havia “engrossado” a voz, passando gradativamente de soprano ligeiro a soprano lírico, de lírico a dramático, chegando finalmente a contralto ou *mezzosoprano*.

Sempre foi ousada. Estudava canto havia poucos meses e passava férias na cidade de Pesaro quando o maestro Rodolfo Ferrari, organizando um concerto com cantores profissionais, a convidou a cantar alguma coisa.

Gabriella canta uma canção popular, o público aplaude sua voz e sua mocidade, ela se entusiasma e canta “Suicídio”, da *Gioconda*.

O sucesso e o contato com o público são uma revelação. A partir dessa primeira experiência, nunca mais desejará outra coisa. O even-

to aparentemente insignificante, que nem é uma verdadeira estreia, grava-se na sua memória com a força de um batismo. Sua escolha está feita.

Dois anos mais tarde, já estudando com Hilda Brizzi e contra a vontade dela, Gabriella faz uma audição em Milão para um representante do Teatro Costanzi, de Roma, e é contratada.

Assim, com algo próximo dos vinte anos, com sua bela voz e uma determinação inquebrantável, Gabriella começa, de fato, sua carreira.

A estreia acontece em Viterbo, em 1911, na *Norma*, de Bellini, no papel de Adalgisa. E no mesmo ano ela se apresenta em Roma, como Erda, em *Sigfrido*.

O contrato é muito conveniente para ela. Além de lhe permitir morar com a família, Gabriella pode continuar seus estudos de *mezzosoprano* ao mesmo tempo que multiplica as apresentações. São papéis menores e outros nem tanto, que lhe permitem adquirir progressivamente a experiência indispensável para maiores voos.

Ao longo do ano de 1912, realiza cinquenta e uma apresentações no Teatro Costanzi, mas também em Spoleto e Trieste. Seu repertório se amplia, sua voz se fortalece. Não sem esforço, porém. “Mesmo nos trens, a caminho de uma apresentação”, me disse certa vez, tirando uma nota do diapasão, “levava isso comigo, é o metrônomo. Ia estudando ao longo da viagem, preparando os papéis, decorando. E quantos trens e quantas viagens tive na minha vida!”. Eu, criança ainda, imaginava o trem correndo, o barulho das rodas, o ritmo dos dormentes, e ela cantando por cima disso tudo, cobrindo todos os outros sons com a voz poderosa que enchia o vagão e ecoava em sua cabeça.

Estudar nos trens se enquadra bem em sua personalidade. Era extremamente disciplinada. Não em tudo – jamais ocupou sua frisa nº 1 no Teatro Municipal antes da metade do primeiro ato, quando não no segundo –, mas naquilo em que se empenhava. A postura, por exemplo. Em tantos anos de convivência, nunca a vi apoiar as costas em um espaldar de cadeira; sentava-se ereta, firme, mesmo em casa,

na ampla poltrona em que, rodeada por seus cães favoritos, passava horas seguidas jogando cartas ou paciência. Do mesmo modo andava, com a coluna a prumo, o queixo erguido, firme sobre os saltos sempre altos e finos das sandálias de tirinhas que eram suas favoritas – mais de uma vez fui com ela à sapataria que as confeccionava sob medida em Roma. Disciplinada também nas dietas que fazia constantemente, ameaçada como os irmãos pelo excesso de peso. E com os vocalises, repetidos religiosamente toda manhã.

TUSQUETS
EDITORES

O encontro com Carmen

No ano de 1914, após numerosas apresentações de *La Gioconda*, *Francesca da Rimini* e a então moderníssima *Finlandia*, de Fracassi, Gabriella dá um salto para a frente. Em Gênova buscam uma *mezzosoprano* para *Um baile de máscaras*. Gabriella se apresenta, faz uma audição e obtém o papel de Ulrica. Papel do qual, em verdade, só conhece uma pequena parte e que terá de decorar, na sua totalidade, em apenas dois dias.

Fez isso mais de uma vez, como me contou com ar de criança levada que se gaba de uma travessura. Candidatava-se para um papel que não conhecia, fazia uma audição e, sendo aprovada, decorava rapidamente letras e partitura. Esse salto no vazio a estimulava, e vencer o desafio reafirmava seu talento musical.

A apresentação como Ulrica no Teatro Carlo Felice é um sucesso. E a lança para os papéis de primeira grandeza. Antes do fim deste mesmo ano, estará cantando *Aida*, no Estádio Nacional, em Roma.

Mas só no fim do ano seguinte, no Teatro Vittorio Emanuele, de Turim, dá-se o encontro com a personagem que mais intensamente marcará sua vida e sua carreira, Carmen, a cigana sensual criada por Mérimée.

Não é amor à primeira vista. Sabedora de que em Turim buscam uma *mezzo* para interpretar *Carmen*, apresenta-se para uma audição.

Mais uma vez joga com a audácia, apostando sobretudo na qualidade da sua voz, pois conhece a ópera apenas parcialmente. Aprovada, tem oito dias para se preparar. E, após a estreia, embora tendo lançado mão de todo o seu entusiasmo, depara com críticas negativas. Louva-se seu “inteligente desejo de originalidade e de audácia”, mas sua interpretação vocal é considerada insuficiente.

A crítica tem efeito construtivo. Ferida em seu amor-próprio, Gabriella volta a estudar *Carmen* com afinco, apresentando-a novamente em Roma no ano seguinte. E obtendo, dessa vez, aquele sucesso que nunca mais a abandonaria.

A partir daí, e ao longo de toda a carreira, repassaria a *Carmen* meticulosamente antes de cada apresentação e determinadas partes todos os dias após os vocalises.

Em 1916 recebe um convite diferente que desperta seu interesse: ser a protagonista de um filme. A bela voz não seria utilizada no cinema ainda mudo, mas a intensidade dramática que demonstrava no palco havia chamado a atenção dos produtores. E como ela disse a seu biógrafo e aluno de canto Roberto Di Nóbile Terré:² “Era algo novo e eu tinha que experimentar, apesar de não ter nada a ver com a ópera. Foi minha primeira e última experiência nesse campo”. O filme *Stefania* acabou ficando muito ruim e teve pouquíssimas exibições. Gabriella não quis repetir a dose.

Aos poucos, enriquece seu repertório. Acrescenta *Mignon*, *A força do destino* e *A favorita*. No dia 28 de dezembro de 1916, o jornal *Il Messaggero* publica o seguinte comentário:

Gabriella Besanzoni é a predileta do público romano, que acompanha com crescente interesse os contínuos progressos da jovem artista em sua breve e rapidíssima carreira. [...] Ela tem uma das mais lindas e mais

2. TERRÉ, Roberto Di Nóbile. *Gabriella Besanzoni*. Madri: Climatización, Maquinaria y Servicios, S.A., 1993.

sólidas vozes de *mezzosoprano* que existem nos palcos. Voz exuberante e de coloratura natural, doce e insinuante, que sobe com grande facilidade no registro agudo e baixa com grande efeito em delicadas *sfumature*, chegando às notas baixas que são, sem exagero, de incomparável beleza.

Foram, naquele ano, 55 apresentações. Gabriella transforma-se em uma estrela de primeira grandeza. Seu nome começa a repercutir no mundo da ópera, além das fronteiras da Itália.

Seu primeiro compromisso internacional é na Espanha, ainda no fim de 1917. Três apresentações de *Aida*, em Barcelona, seguidas de três apresentações de *Sansão e Dalila*, no Teatro Real de Madri.

A Espanha será sempre para ela um país de boas recordações, inclusive amorosas. Contou-me como, certa noite, depois de uma apresentação especialmente bem-sucedida, o entusiasmo do público foi tal que, à saída, os jovens que a esperavam do lado de fora do teatro desatrelaram os cavalos da sua carruagem para puxá-la, a braços, até o hotel.

Do seu romance com o rei Alfonso XIII me falou algumas vezes por alto, e sempre com indisfarçado orgulho. Não era mulher de falsos pudores, teve muitos amantes, tudo às claras, como parte assumida do seu repertório. Dizia que, quando estava em Madri, passava os fins de semana com o rei Alfonso no pavilhão de caça que havia na casa real de campo, e contava detalhes alegres da relação, retratando um amante brincalhão e ciumento. “Estava eu um dia passeando de carruagem na Gran Vía, quando percebo que outra carruagem emparelha conosco e que o seu ocupante salta velozmente e entra na minha. Era ele, Alfonso, evidentemente vestido à paisana, que mais de uma vez soube me dar esse tipo de surpresa. E além do mais se divertia muito, pois pouco ligava para o que as pessoas dissessem.”

Um dia em Roma, quando eu já era adulta, pediu que a acompanhasse a uma recepção de casamento que aconteceria num hotel elegante na Via del Corso. Saltamos do carro diante da porta, mas,

antes de entrar, uma mendiga sentada no chão estendeu a mão e, em espanhol, pediu uma esmola. Gabriella abriu a bolsinha, deu-lhe algum dinheiro, e depois, voltando-se para mim, justificou-se em voz baixa e com ar matreiro: “Afinal, quase fui sua rainha”.

TUSQUETS
EDITORES